

**EMI (ENGLISH AS A MEDIUM OF INSTRUCTION) COMO
ESTRATÉGIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA: UM
ESTUDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**

**EMI (ENGLISH AS A MEDIUM OF INSTRUCTION) AS
INTERNALIZATION AT HOME STRATEGY: A STUDY IN THE GRADUATE
PROGRAM IN BUSINESS ADMINISTRATION OF THE STATE UNIVERSITY OF
MARINGÁ**

Fabiane Cortez Verdu¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o EMI como estratégia de internacionalização em casa do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (PPA/UEM). Esta é uma pesquisa descritivo-qualitativa. Os dados foram coletados por meio de documentos e observação participante. Foram coletados documentos por meio dos sítios da Universidade Estadual de Maringá (UEM), do Escritório de Cooperação Internacional (ECI), do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPA) e do currículo Lattes. A observação participante ocorreu nas dependências do PPA, bem como na sala onde foi realizado o curso sobre English as Medium of Instruction (EMI). Os dados coletados foram analisados qualitativamente. O PPA/UEM desenvolve diversas estratégias de internacionalização em casa (IeC), a saber: recebe professores e alunos do exterior em mobilidade, oferece disciplinas em inglês, e escreve e publica artigos em inglês. Desenvolve também atividades de internacionalização no exterior (InE), a saber: envia professores e alunos em mobilidade para fora do país, conta com professores com doutorado e pós-doutorado no exterior, e apresenta trabalhos no exterior. Este trabalho fornece subsídios para superar a falta de consciência e entendimento sobre os processos e práticas de internacionalização das Instituições de Ensino Superior, e pode ser útil dos pontos de vista teórico e prático.

Palavras-chave: English as Medium of Instruction (EMI); Estratégias de Internacionalização; Instituições de Ensino Superior; Internacionalização no Exterior (InE); Internacionalização em Casa (IeC).

Abstract

The article aims to analyze the EMI as internationalization at home strategy of the Graduate Program in Business Administration of the State University of Maringá (PPA/ UEM). It is a descriptive-qualitative research. Data were collected through documents and participant observation. Materials were collected through the sites of the State University of Maringá (UEM), the Office of International Cooperation (ECI), the Graduate Program in Administration (PPA) and the Lattes curriculum. Participant observation occurred in the facilities of the PPA, as well as in the room where the English as a Medium of Instruction (EMI) course was held. The collected data were analyzed qualitatively. The PPA/UEM develops many

¹ Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Administração pela UFPR.

internationalization at home (IeC) strategies, namely: it receives teachers and students from abroad in mobility, offers courses in English, and writes and publishes articles in English. It also develops internationalization abroad (InE) strategies, namely: it sends teachers and students abroad, counts on professors with doctorates and postdoctoral studies abroad, and present papers abroad. This work provides support for overcoming the lack of awareness and understanding of internationalization processes and practices of Higher Education Institutions and can be useful from a theoretical and practical point of view.

Keywords: English as Medium of Instruction; Internationalization Strategies of High Education Institutions; Internationalization Abroad; Internationalization at Home.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização do ensino superior discutida neste trabalho é decorrente da inserção internacional, assim como preconiza a Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e que requer que as universidades incluam em sua missão a dimensão internacional (AZEVEDO, 2015). Este trabalho não se refere ao comércio internacional de serviços educacionais decorrentes da regulamentação da educação pela Organização Mundial do Comércio (OMC) como discutem Borges e Aquino (2013).

A Educação Superior é uma área na qual tem aumentado a governança transnacional (ou além das fronteiras) (DEJLIC; SAHLIN-ANDERSSON, 2006). Portanto, ao estudar como a dimensão internacional vem sendo incorporada no Ensino Superior no Brasil é necessário considerar o contexto nacional, bem como o internacional. No contexto nacional, os atores podem ser diferentes organizações governamentais e não governamentais (ONGs) as quais tem uma importante influência sobre a dimensão internacional por meio de políticas, financiamentos, programas e regulamentações (KNIGHT, 2004).

O ensino superior no Brasil tem como principais atores governamentais o Ministério da Educação (MEC), a Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES), o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O MEC tem como uma de suas principais competências, estabelecer a política nacional de educação, a qual inclui o ensino superior. A CAPES, fundação do MEC, tem como papel fundamental a expansão e a consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado). O MCTI tem como uma de suas principais competências a política nacional de pesquisa científica, tecnológica e inovação. O CNPq, agência de fomento do MCTI,

tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.

No contexto internacional, por extensão, os atores podem ser diferentes organizações governamentais e não governamentais (ONGs) as quais estabelecem diretrizes, tais como o Processo de Bologna, sobre a Internacionalização do Ensino Superior, o qual é uma alavanca para forçar a mudança na pedagogia da educação superior (*higher education pedagogy*) (DEARDEN, 2014). MOK (2006) reconhece que nos países desenvolvidos, especialmente nos Estados Unidos e em países da Europa, a internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) está mais avançada e que, portanto as práticas destes países vêm sendo utilizadas como referência pelos mais menos desenvolvidos ao buscarem um ‘padrão de nível mundial’ na Educação Superior. Na Europa o número de disciplinas ensinadas em inglês está aumentando devido o Processo de Bolonha (DEARDEN, 2014).

Por outro lado, a mais recente reforma na educação brasileira ocorreu com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996, esta lei não contempla a dimensão internacional, no entanto, devido à globalização (transnacionalização de acordo com DJELIC e SAHLIN-ANDERSSON, 2006) diversos programas e ações da CAPES e do CNPq já incorporaram uma dimensão internacional. Por exemplo, o processo de avaliação da pós-graduação *stricto sensu* realizado pela CAPES, bem como o financiamento das pesquisas realizado pelo CNPq, tem como um dos critérios a produção científica dos pesquisadores, a qual é avaliada por meio do fator de impacto (*impact factor*) do periódico. Originalmente, o cálculo do fator de impacto é uma das operações utilizadas pelo modelo de citação (*citation model*) aplicado somente aos periódicos de língua inglesa (KARPIK, 2011). No entanto esta prática foi adotada pela CAPES e pelo CNPq.

No Brasil, os periódicos internacionais, especialmente os de língua inglesa apresentam fator de impacto superior aos nacionais, portanto, os pesquisadores brasileiros que dominam a língua inglesa têm mais possibilidades de obter financiamentos para suas pesquisas, bem como elevar a avaliação do programa de pós-graduação em que ele atua e eventualmente a avaliação de sua universidade.

Diante do exposto, nota-se que o idioma inglês é a chave que conduz ao processo de internacionalização do Ensino Superior nos países em que a língua materna não é o inglês, como é o caso do Brasil. Para estes países não anglofônicos uma das

possibilidades é utilizar o inglês como meio de instrução (English as a Medium of Instruction – EMI), portanto, o objetivo deste artigo é analisar o EMI como estratégia de internacionalização em casa do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (PPA/UEM).

Este trabalho fornece subsídios para superar a falta de consciência e entendimento sobre os processos e práticas de internacionalização das Instituições de Ensino Superior, e pode ser útil dos pontos de vista teórico e prático. Este trabalho está dividido em cinco partes: (1) introdução; (2) revisão da literatura; (3) procedimentos metodológicos; (4) apresentação e análise dos dados; (5) considerações finais.

2 A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E O INGLÊS COMO MEIO DE INSTRUÇÃO

A internacionalização e seu estudo são atividades socialmente construídas que ocorrem em múltiplos tipos de organizações no mundo (comerciais, industriais e de serviços; com e sem fins lucrativos; privadas e públicas; de todos os portes: micro, pequeno, médio e grande) por meio do cruzamento de fronteiras (1) de bens tangíveis e intangíveis e de serviços, incluindo os fatores de produção (matéria prima, capital, trabalho, tecnologia (conhecimento), empreendedorismo), administração e administradores; (2) de relacionamentos tais como tratados e acordos governamentais, códigos privados de conduta e intercâmbios incluindo migração de instituições (regras de funcionamento de mercado e ideologias); (3) transferência e troca de recursos administrativos, filosofias e práticas (BODDEWYN; TOYNE; MARTINEZ, 2004).

O setor de prestação de serviços de educação apresenta uma abordagem alternativa sobre a internacionalização a qual não envolve o cruzamento de fronteiras, a Internacionalização em Casa (IeC) (NILSSON, 2003; KNIGHT, 2004; LEASK, 2013). Para Nilsson (2003) a internacionalização da educação superior é o processo de integrar uma dimensão internacional nas funções ensino, pesquisa e extensão, incluindo (1) mobilidade do staff e dos estudantes e (2) currículo internacionalizado. Por sua vez, IeC é qualquer atividade internacional realizada no campus com exceção da mobilidade para fora do país, ou seja, é dar aos estudantes uma dimensão internacional durante seu tempo na universidade.

Knigh (2004) reforça a definição de Nilsson (2003) e argumenta que a internacionalização da educação superior é o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções ou cursos/programas, e que ao estudá-la é importante estudar dois níveis: o setorial/nacional e o institucional.

O setorial/nacional pode incluir diferentes organizações governamentais e não governamentais (ONGs) as quais tem uma importante influência sobre a dimensão internacional por meio de políticas, financiamentos, programas e regulamentações (KNIGHT, 2004).

O institucional é onde ocorre o processo de internacionalização (KNIGHT, 2004) por meio de diferentes atividades que podem ser classificadas em: (1) internacionalização no exterior (InE), a qual se refere às atividades que acontecem além da fronteira, e (2) internacionalização em casa (IeC), a qual inclui atividades de ensino-aprendizagem e atividades extracurriculares no campus que apresentam uma dimensão internacional e relacionamentos com grupos de culturas distintas (KNIGHT, 2004). Ou seja, a IeC é vista como a criação de uma cultura ou clima no campus que promove a apoio entendimento internacional e ou intercultural e que está focada nas atividades desenvolvidas no campus (KNIGHT, 2004, p. 20).

Entre as estratégias de IeC, destaca-se a internacionalização do currículo (NILSSON, 2000; LEASK, 2013; KNIGHT, 2008). O currículo internacionalizado fornece conhecimento e habilidades internacionais e interculturais com o objetivo de preparar estudantes para o contexto internacional e multicultural (Nilsson, 2000). Para Leask (2013, p. 106) a internacionalização do currículo é “a incorporação de uma dimensão internacional e intercultural no conteúdo do currículo bem como nas modalidades de ensino-aprendizagem e nos serviços de apoio de um programa de estudo”. A internacionalização do currículo inclui todos os aspectos do processo ensino-aprendizagem, quais sejam: (1) currículo formal (programa da disciplina e as experiências e atividades planejadas); (2) currículo informal (atividades extracurriculares); (3) currículo oculto (latente) (LEASK, 2013), o qual carrega mensagens poderosas sobre os valores institucionais e disciplinares, e sobre o que e quem é valorizado (LEASK, 2009), assim, o objetivo final da internacionalização do currículo é melhorar os resultados de aprendizagem dos estudantes.

A IeC concentra-se sobre a maioria dos estudantes que não estudarão fora do país, mas que precisam ser preparados para se tornarem cidadãos globais em casa

(HUEDO, 2013; NECHITA, COJOCARIU e PACURARI, 2014; JON, 2013). A IeC promove um ambiente multicultural e acesso para a comunidade por meio de programas, atividades no campus integradas nos currículos formal e informal (HUEDO, 2013).

As estratégias de internacionalização das IES, especialmente as estratégias de IeC pressupõem o uso do inglês como língua franca (NILSSON, 2000; JORIS, VAN DER BERG e VAN RYSSSEN, 2003; HUEDO, 2013; GORGES, KANDLER e BOHNER, 2012; CHEN e KRAKLOW, 2015). Estudantes, professores e staff administrativo precisam aprimorar sua proficiência na língua inglesa para (1) participar de programa de mobilidade para o exterior, (2) receber alunos, professores e staff em mobilidade, (3) internacionalizar o currículo e realizar atividades extracurriculares internacionais e interculturais. A IeC vai além da mobilidade para fora e deveria criar programas internacionais no campus que acomodam estudantes internacionais e domésticos (CHEN e KRAKLOW, 2015).

São exemplos de estratégias de Internacionalização em Casa (IeC): internacionalização do currículo, mobilidade discente e docente *inward*, realizar acordos de cooperação que permitam receber professores e alunos em mobilidade, oferecer disciplinas em inglês no campus, escrever artigos em inglês, publicar artigos em inglês em periódicos nacionais e internacionais, entre outras (NILSSON, 2000, 2003; LEASK, 2013; KNIGHT, 2008; CHEN e KRAKLOW, 2015; DEARDEN, 2014). Por extensão, são exemplos de estratégias de Internacionalização no Exterior (InE): mobilidade discente e docente *outward*, realizar acordos de cooperação que permitam enviar professores e alunos em mobilidade, apresentar trabalhos no exterior, realizar capacitação docente no exterior, entre outras.

Usar um idioma estrangeiro, especialmente o inglês, como meio de instrução em uma universidade pode ser visto como uma oportunidade de aprendizagem que pode ajudar os estudantes a desenvolver sua proficiência, bem como sua confiança neste idioma. No entanto, utilizar um idioma estrangeiro como meio de instrução torna a aquisição do conhecimento mais difícil, aumenta o risco de equívocos conceituais e torna o estudo mais exigente, portanto muitos estudantes podem não querer receber sua instrução num idioma estrangeiro quando atendem a universidade no seu país de origem (GORGES, KANDLER e BOHNER, 2012). Apesar disto, usar o Inglês como meio de

instrução é especialmente importante em um mundo cada vez mais globalizado que exige cidadãos globais.

O Inglês como meio de instrução (EMI) é “o uso da língua inglesa para ensinar assuntos acadêmicos em países ou jurisdições onde a primeira língua da maioria da população não é o inglês” (DEARDEN, 2014, p. 4). O termo EMI é relativamente novo e não tem definição universalmente aceita. No entanto, é importante esclarecer que EMI não é sinônimo de aprendizagem integrada de conteúdo e linguagem (*Content and Language Integrated Learning – CLIL*). O objetivo da CLIL é ensinar conteúdo e idioma, por sua vez, o objetivo do EMI é ensinar somente conteúdo em inglês (DEARDEN, 2014).

Em virtude de o EMI estar sendo cada vez mais utilizado em países não anglofônicos em todos os níveis de ensino (fundamental, médio e superior) Dearden (2014) do Departamento de Educação da Universidade de Oxford (Inglaterra) conduziu uma pesquisa com 55 países, incluindo o Brasil, sobre a mudança do inglês ensinado como segunda língua para o inglês como meio de instrução (EMI). As principais razões da introdução do EMI nestes países foram: desejo ou intenção de desenvolver habilidades de aprendizagem em inglês, melhorar conhecimento sobre cultura-alvo, abrir possibilidades para estudantes trabalhar ou estudar no exterior tanto quanto espalhar a cultura do próprio país pelo mundo, razões políticas de construção da nação e alinhamento de um país com vizinhos de língua inglesa. A habilidade para ensinar utilizando o EMI significa que as universidades podem produzir artigos de pesquisa de alta qualidade em inglês, ajudando as universidades a subirem nos rankings internacionais (DEARDEN, 2014).

No entanto, alguns países rejeitam a utilização do EMI por razões políticas e para proteger a identidade nacional, a língua do país e a liberdade para estudar na língua do país. Enquanto a maioria dos países aumenta a utilização do EMI, a minoria retrocede (DEARDEN, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa descritivo-qualitativa. Os dados foram coletados por meio de documentos e observação participante. Foram coletados documentos por meio dos sítios da Universidade Estadual de Maringá (UEM), do Escritório de Cooperação

Internacional (ECI), do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPA) e do currículo Lattes. A observação participante ocorreu nas dependências do PPA, bem como na sala onde foi realizado o curso sobre English as Medium of Instruction (EMI). Os dados coletados foram analisados qualitativamente.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A UEM foi fundada em 1969 e tem hoje 49 programas de pós-graduação *stricto sensu*. Em 2018, a UEM instituiu sua Política Institucional de Internacionalização (UEM, 2018), a qual tem os seguintes princípios: (1) a cooperação interinstitucional internacional; (2) a mobilidade acadêmica internacional discente, docente e de agentes universitários; (3) a internalização da internacionalização na cultura institucional e no desenvolvimento dos procedimentos e processos da UEM; (4) a captação de recursos; (5) a comunicação de oportunidades; (6) o acolhimento do aluno estrangeiro; (7) a internacionalização dos currículos; (8) o estímulo do uso de idiomas estrangeiros nos Campi da UEM; (9) a institucionalização do ensino do português como língua estrangeira dentro da UEM.

Desde 1997, a UEM possui o Escritório de Cooperação Internacional (ECI) cuja missão é “atuar nas relações internacionais com várias instituições estrangeiras, através da cooperação técnico-científica, para o desenvolvimento de projetos conjuntos de ensino e pesquisa; viabilização do acesso e o uso da infraestrutura disponível em ambas as instituições; promoção do intercâmbio de pessoal docente, técnico e de estudantes, para atender a programas e projetos de interesse mútuo em busca do atendimento das necessidades da comunidade” (ECI, 2017). Atualmente, a UEM mantém acordos de cooperação internacional com universidades em mais de 20 países de quase todos os continentes. Para os estudantes e professores em mobilidade *inward* é ofertado um curso de Português como segunda língua.

Com o objetivo de fortalecer a IeC da UEM, o ECI ofereceu em 2016 um curso gratuito sobre English as a Medium of Instruction (EMI) a todos os professores e alunos interessados. O curso teve duração de 20h, 4h por dia, nos meses de outubro e novembro. O curso teve somente 20 inscritos entre professores e alunos, dos quais nove apareceram no primeiro dia, sete no segundo, três no terceiro, três no quarto e seis no último dia. Alguns desistiram ao perceberem que o curso seria ministrado todo em

inglês. Isto demonstra que professores e estudantes podem não querer receber instrução num idioma estrangeiro (GORGES, KANDLER e BOHNER, 2012), ou seja, o idioma é uma barreira para a InE e para a IeC. Entre os que terminaram o curso estão três professores do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPA), dois dos quais estão ministrando disciplinas em inglês.

Os programas de pós-graduação têm cada vez mais buscado a sua internacionalização tal como o PPA/UEM (vide figura 1), o qual iniciou suas atividades em 2010 com o curso de mestrado e em 2014 iniciou as atividades do curso de doutorado.

Figura 1 – Estratégias de Internacionalização realizadas pelo PPA/UEM

Atividades	Quantidade	Tipo de Estratégia
Enviar alunos em mobilidade para fora do país	8 alunos (3 de mestrado e 5 de doutorado)	InE
Realizar pós-doutorado no exterior	6 professores	InE
Apresentar trabalhos no exterior	12 professores	InE
Realizar Acordos de Cooperação que permitam enviar e receber professores e alunos em mobilidade	4 acordos	InE IeC
Receber professores e alunos do exterior em mobilidade	3 professores	IeC
Oferecer disciplinas em inglês	2 disciplinas	IeC
Escrever artigos em inglês	14 professores	IeC
Publicar artigos em periódicos internacionais	8 professores	IeC
Ter corpo docente com capacitação internacional	4 professores com doutorado sanduíche e 6 com pós-doutorado	IeC

Fonte: Elaboração própria

Desde o início de suas atividades o PPA tem buscado a sua Internacionalização no Exterior (InE) por meio de mobilidade discente, capacitação docente, apresentação de trabalhos no exterior e realização de acordos de cooperação que permitem enviar professores ao exterior. Também tem buscado a sua Internacionalização em Casa (IeC) por meio do recebimento de professores em mobilidade, oferta de disciplinas em inglês, escrita de artigos em inglês, publicação de artigos em periódicos internacionais, corpo docente com capacitação no exterior e realização de acordos de cooperação que permitem receber professores do exterior (NILSSON, 2000, 2003; LEASK, 2013; KNIGHT, 2008; CHEN e KRAKLOW, 2015; DEARDEN, 2014). Os acordos de cooperação, a mobilidade discente e docente e as aulas em inglês vão ao encontro dos princípios da Política Institucional da UEM (UEM, 2018).

Desde 2010, o PPA teve 86 alunos de mestrado dos quais três fizeram mobilidade internacional. Desde 2014, o PPA teve 21 alunos de doutorado dos quais cinco fizeram mobilidade internacional. Por meio do seu acordo de cooperação com uma universidade francesa, o PPA desde 2010 recebeu três professores que ministraram palestras aos alunos. E desde 2017 oferece duas disciplinas em inglês, utilizando o EMI.

Dos 15 professores atuantes atualmente no PPA, 14 escreveram em inglês, 12 participaram de congressos no exterior com apresentação de trabalho, 8 publicaram em periódicos internacionais, 6 fizeram pós-doutorado no exterior, 4 fizeram doutorado parcial no exterior (sanduíche) e 4 foram orientadores de 7 alunos que fizeram mobilidade internacional. Ao orientar alunos, os professores que fizeram doutorado ou pós-doutorado em mobilidade internacional tendem a influenciar positivamente a mobilidade internacional do orientando.

Destacam-se dois professores neste grupo. Os dois escrevem em inglês, participam de congressos no exterior, tem artigos publicados em revistas internacionais, fizeram pós-doutorado e doutorado parcial no exterior, tiveram 2 alunos em mobilidade internacional, fizeram o curso sobre EMI e estão ministrando disciplinas em inglês. Enquanto um teve 2 alunos de mobilidade internacional no doutorado, o outro teve 2 alunos de mobilidade internacional no mestrado por meio de um acordo de cooperação técnico-científica do PPA. No entanto, faltam registros de tais atividades. A mobilidade docente está registrada na PPG, enquanto a mobilidade discente, os acordos de cooperação técnico-científica e as disciplinas em inglês estão registradas somente no PPA. Parece que a internacionalização do PPA/UEM está centrada nos pesquisadores, assim como preconizam Romani-Dias, Carneiro e Barbosa (2017).

Nota-se que como Política Institucional de Internacionalização da UEM é recente, cada unidade administrativa, tais como ECI, PPG e PPA, realiza suas estratégias de internacionalização, mas elas não são conhecidas por outra unidade nem são divulgadas como deveriam ser. A UEM carece de divulgação institucional daquilo que tem já tem sido feito por cada unidade administrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as estratégias de internacionalização das IES pressupõe o inglês como língua franca e que é necessário publicar em inglês para aumentar as

chances de obter financiamento para pesquisas, manter ou melhorar a avaliação dos programas de pós-graduação bem como das universidades, este trabalho sugere o EMI como estratégia para aumentar a IeC dos programas de pós-graduação bem como das universidades em detrimento das estratégias de InE.

As estratégias de InE pressupõe mobilidade para fora do país bem como participação em congressos internacionais os quais carecem de recursos financeiros para serem viabilizados e cujas fontes de financiamento são principalmente a CAPES e o CNPq. Quanto aos recursos destinados a programas de capacitação no exterior (mestrado, doutorado e pós-doutorado), estes vêm se tornando cada vez mais escassos desde o início de 2015. Alguns pesquisadores chegaram a ter suas bolsas de estudos aprovadas, mas condicionadas a disponibilidade de recursos. Alguns até hoje não receberam suas bolsas. Quanto aos recursos destinados à participação em congressos no exterior, em algumas instituições eles têm também se tornado mais escassos, especialmente no estado do Paraná, no qual os repasses do governo do estado para as universidades tem sido cada vez menores.

Por sua vez, as estratégias de IeC pressupõem atividades dentro do próprio campus da universidade, que facilita sobremaneira a sua realização e que apresenta custo relativamente menor. Apesar do custo menor, os recursos limitados das universidades dificultam a utilização do EMI. Escrever e publicar artigos em inglês, ministrar disciplinas em inglês e oferecer atividades extracurriculares que permitem a integração de pessoas de diversas culturas são algumas das possibilidades que para serem realizadas necessitam de proficiência em inglês. Para tanto, recomenda-se que as universidades ofereçam cursos de inglês para seus alunos, professores e demais servidores. Quanto mais pessoas proficientes em inglês maior a possibilidade de que o EMI seja adotado e bem sucedido pelos programas de pós-graduação, beneficiando a si mesmo e as universidades nas quais eles estão inseridos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.L.N. Internacionalização ou transnacionalização da educação superior: entre a formação de um campo social global e um mercado de ensino mundializado. **Crítica Educativa**, v. 1, n. 1, p. 56-79, jan./jun. 2015.

- BODDEWYN, J.J.; TOYNE, B.; MARTINEZ, Z.L. The meanings of international management. **Management International Review**, v. 44, n.2, p. 195-212, 2004.
- BORGES, V.M.O.; AQUINO, E.T. Ensino superior à ordem do capital internacional. **Gual**, v. 6, n. 2, p. 22-32, abr. 2013.
- CHEN, Y-L.E.; KRAKLOW, D. Taiwanese college students' motivation and engagement for English learning in the context of internationalization at home: a comparison of students EMI and non-EMI programs. **Journal of Studies in International Education**, v. 19, n. 1, 2015, p. 46-64.
- DEARDEN, J. English as a medium of instruction: a growing global phenomenon. **British Council**. 2014. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org/education/ihe/knowledge-centre/english-language-higher-education/report-english-medium-instruction>. Acesso em: 02/02/2016.
- DEJLIC, M.L.; SAHLIN-ANDERSSON, K. Introduction: a world of governance: the rise of transnational regulation. In: DEJLIC, M.L.; SAHLIN-ANDERSSON, K. (eds). (2006). **Transnational governance: Institutional dynamics of regulation**. Cambridge: Cambridge University Press.
- ECI. **Missão**. Disponível em: <http://www.eci.uem.br/institucional/equipe/quem-somos>. Acesso em: 15/03/2017.
- GORGES, J.; KANDLER, C.; BOHNER, G. Internationalization at home: using learning motivation to predict students' attitudes toward teaching in a foreign language. **Journal of International Research**, v. 53, 2012, p. 107-116.
- HUEDO, M.L.S. Internationalisation at home: the case of Spanish university. In: **European Project**, Volume: Guide of good practices Tempus Corinthiam, Project N° 159186-2009-1-BE-SMGR, 2013.
- JON, J-E. Realizing internationalization at home in Korean Higher Education: promoting domestic students' interaction with international students and intercultural competence. **Journal of Studies in International Education**, v. 17, n. 4, 2013, p. 455-470.
- JORIS, M.; VAN DER BERG, C.; VAN RYSSSEN, S. Home, but not alone: information and communication technology and internationalization at home. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 1, 2003, p. 94-107.

- KARPIK, L. What is the price of a scientific paper? In: BECKERT, J.; ASPERS, P. **The worth of goods: valuation and price in the economic.** New York: Oxford University Press, 2011.
- KNIGHT, J. **Higher Education in Turmoil.** Rotterdam: Sense Publishers, 2008.
- KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 5, p. 5-31, 2004.
- LEASK, B. Internationalizing the curriculum in the disciplines: imagining new possibilities. **Journal of Studies in International Education**, v. 17, n. 2, 2013, p. 103-118.
- LEASK, B. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. **Journal of Studies in International Education**, 13, 205-221.
- MOK, K.H.. Questing for internationalizations of universities in East Asia. In: **International Symposium at Osaka University**, Japan, 2006.
- NECHITA, E.; COJOCARIU, V-M; PACURARI, D. Internationalization of higher education at home: an initiative for teaching informatics. **Procedia: Social and Behavioral Sciences**, v. 149, 2014, p. 624-628.
- NILSSON, B. Internationalisation at home from a Swedish perspective: the case of Malmö. **Journal of Studies in International Education**, v. 7, n. 1, 2003, p. 27-40.
- NILSSON, B. Internationalising the curriculum. In: CROWTHER, M.; *et al.* (Eds.). **Internationalisation at home: A position paper.** Amsterdam, Netherlands: European Association for International Education, p. 21-27, 2000.
- ROMANI-DIAS, M.; CARNEIRO, J.M.T.; BARBOSA, A.S. A internacionalização de instituições de ensino superior: proposição de modelo conceitual a partir do papel dos pesquisadores. EnANPAD, 41., 2017, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2017.
- UEM. Resolução nº 003/2018-COU: institui a política institucional de internacionalização da UEM. 2018. Disponível em: <http://www.scs.uem.br/>. Acesso em: 10/07/2019.